



A IDADE DO BRASIL

O Brasil inteiro está

ligado nos 500 anos.

Algumas pessoas se

entregam a

comemorações

ufanistas, porém

outras consideram

que o Brasil não foi

descoberto, foi

invadido.

O historiador da

Universidade de

Brasília **Victor**

Leonardi – que

acaba de produzir a

série de vídeos

A Idade do Brasil, pela

TV Escola – não

aprova nenhuma das

posições extremadas

e propõe um olhar

mais crítico e

reflexivo sobre o

balanço da nossa

história. Para ele, aos

trancos e barrancos,

em 500 anos, se

formou uma nação

inventiva, miscigenada,

plástica, original.



O que você acha importante discutir nesse pretexto dos 500 anos?

Tem saído muitas críticas, com fundamento, sobre as comemorações dos 500 anos. Por outro lado, existe uma atitude festiva com relação a isso. Acho que nenhum dos extremos é bom. Com certeza, não é data para comemoração porque na História do Brasil foram cometidas tantas violências! Inclusive há povos extintos por causa dessas violências, turbulências, epidemias, que se alastraram com a chegada dos europeus. E a forma como a colonização se deu trouxe como consequência o escravismo.

Se na hora do balanço a gente só colocar as coisas negativas, estaríamos contribuindo para que a exclusão aumente ainda mais

Foram 4 milhões de negros trazidos à força da África. Não se podendo comemorar uma coisa desse tipo, muita gente simplesmente diz que os 500 anos não representam nada. Acho que essa posição também não é boa porque, se não dá para comemorar, por outro lado, o resultado desse encontro, desencontro, choque, empurrão, tudo o que aconteceu entre brancos, índios, negros, imigrantes, operários foi uma sociedade que tem qualidade, tem coisas extraordinárias se compararmos com outras sociedades. Se na hora do balanço a gente só colocar as coisas negativas, estaremos contribuindo para que a exclusão aumente ainda mais.

Cite alguns exemplos dessa qualidade.

O brasileiro tem uma generosidade e uma forma de viver e de cooperar solidária, que é rara em outros povos.

Quem nunca saiu do Brasil às vezes não percebe. É como quem está dentro da floresta e só vê as árvores. Mas saia do Brasil, como tive que sair durante a ditadura. Passei dois anos na América Central depois onze anos na Europa. Os europeus se relacionam entre si de uma forma fria, se comparada com a nossa. A solidariedade é quase inexistente. Você também pode apresentar aspectos violentos da sociedade brasileira, com certeza. Estamos cheios de problemas de exclusão social. Mas nós temos alguma coisa que nos permite ter esperança. A nossa sociedade é uma sociedade de síntese. Ela resultou do encontro, do

choque, da exploração de mais de mil povos indígenas, dezenas de povos africanos que na África nunca se encontraram. Tudo isso junto no Brasil poderia ter dado uma imensa colcha de retalhos, um arquipélago de guetos,

que não tivesse contato entre si, pelo contrário, que tivesse rivalidade. A África está cheia de guerras. Os colonialistas se retiraram há três décadas e as guerras não pararam. Existem guerras tribais, étnicas, por razões religiosas. No oriente próximo, a mesma coisa. Na Europa, a mesma coisa. Os Balcãs estão lado a lado há mais de mil anos e não se entendem. Na Itália os italianos não se entendem. Os do Norte subestimam os do sul. Eles se entendem aqui. A Idade Média separou por tantos anos esses povos, que eles têm rivalidade de um distrito para outro. O Brasil recebeu gente do mundo inteiro e não virou uma colcha de retalhos. Nos EUA, não aconteceu a mesma coisa. Em Nova Iorque italiano não bate papo com judeu. Eu morava no Bronx, numa pensão de porto-riquenho, e aí de mim se eu entrasse num bar de negro! Eu que sou